COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ FONSECA



DANIELA

GABRIELA

LUCAS

THAYNARA

ROSILENE

EDITORA CALIDOSCÓPIO

Capítulo 1

Eu estou caindo. Sinto cada vez mais a proximidade do fundo. Chegar ao fundo me assusta, pois acho que isso vai fazer eu me quebrar em mil pedaços. O fundo do meu poço é o lugar onde está quem eu verdadeiramente sou. Há muitas perguntas no meu coração, ele sempre foi, assustadoramente, inquieto. Muitas coisas aconteceram, mas eu ainda busco a profundidade de um sentimento que me envolva e me arrebate.

Sou uma sonhadora confessa, uma apaixonada pela vida, aventureira e, sem modéstia, posso dizer que sou linda. Meus cabelos longos e loiros e o par de olhos de um azul celestial fazem sempre muitos corações baterem. Não sou uma conquistadora, e para falar a verdade eu não me apaixonei muitas vezes e nem tive muitos carinhas na vida. Não abuso também do meu charme. Aparência, por mais difícil que seja acreditar, não é o mais importante. Quando penso nisso e no fato de que já tenha gostado muito de um ou outro carinha, os tipos mais atraentes para mim nunca eram aqueles mais bonitos. Eram sempre os estranhos. Adoro os estranhos.

Eu estou estudando Psicologia, não porque goste muito da profissão de psicóloga, mas porque de algum modo acho interessante ouvir e ajudar as pessoas a solucionarem seus traumas e medos. Estranho é que, às vezes, acho que o motivo de ter querido fazer psicologia era me tornar capaz de resolver meus próprios problemas.

Quando falo de problemas pode-se ter a impressão de que me refiro à grana. Não, eu nunca tive problemas de grana, porque meus pais são ricos, muito ricos. Somos donos de um império, do qual meu pai se orgulha muito. Vivi sempre cercada das coisas mais lindas que uma garota normal pode querer. Estudei nas melhores escolas, fiz os cursos mais interessantes e todos que eles achavam que eu deveria fazer. Viajei e conheci vários países e pude crescer cercada de pessoas que satisfaziam minhas vontades. Tudo que eu quisesse eu poderia ter, tudo. Quando penso nisso, acredito que deva agradecer. Não precisei trabalhar, nem andar de ônibus, nem pensar em poupar dinheiro. Linda, rica e feliz...

É, eu pensava assim, até aquele dia, até aquele encontro, até aquele mal(bem)dito acontecimento...

Chinelos, camiseta branca, short jeans, chicletes (irritantes chicletes) e um par de olhos impertinentes. Em uma das mãos uma sacola e na outra uma criança, ao redor mais três crianças. Pivetes, com certeza. Esse foi o primeiro pensamento que me veio à cabeça. Especialmente quando correndo pela rua, uma das pequenas criaturas, que tinha o rosto todo lambuzado de alguma coisa que comia veio em minha direção. Eu gritei. Ele se assustou. A garrafinha que trazia nas mãos escapou delas quando ele tropeçou e encharcou minha roupa.

Enquanto esbravejava indignada, o menino, cada vez mais assustado, começou a chorar e balbuciar palavras difíceis de entender. A pessoa que carregava o outro pela mão veio caminhando ao nosso encontro. Os dois meninos correram até o garoto que chorava. Ela me olhou nos olhos, eu estava vermelha de fúria, era um vestido novo, caríssimo. Qualquer pessoa entenderia aquilo.

Seus olhos baixaram, então, para o menino. Olhos sérios que alcançando o pequeno fixaram-se nos dele, que estavam cobertos de lágrimas. Os soluços foram reduzindo. Quando se agachou, eu parei de gritar e, então, erguendo os olhos em minha direção fixou os meus. Tinha olhos negros, com cílios longos. Vi sua sobrancelha se mover, seus lábios se abriram, acabando com o silêncio.

Capítulo 2

Então me disse aquilo: "Estúpida"! Como alguém poderia me chamar assim, a mim, "estúpida". Eu balbuciei alguma coisa difícil de entender. Engasguei, nenhuma desculpa, não me pediu desculpas. Fiquei tonta, meu vestido ensopado. Estava furiosa, devia estar, mas, então, meus olhos ficaram cheios de lágrimas, elas estavam prestes a saltar para fora, quando aquele intenso par de olhos se fechou brevemente. Um suspiro encheu seu peito, seu braço se ergueu e sua mão foi em direção ao meu rosto. Além de me ofender, iria me bater também. Fechei os olhos instintivamente e minhas mãos agarraram a mão que se dirigia a meu rosto. A mão livre, no entanto, encontrou minha face. Não doeu, pensei. Abrindo os olhos, vi que contorcia os lábios daquele modo indicativo de arrependimento. Percebi também que a mão que, gentilmente, levava a criança, com a mesma gentileza secava agora minhas lágrimas.

Escutei, então, daqueles mesmos lábios ofensores, um "me desculpe". Ainda segurava com as minhas, a sua mão. Disse mais uma vez, "me desculpe". Havia sinceridade nas suas palavras. Eu disse também, "me desculpe". Em um movimento breve me convidou a soltar sua mão. Vi que se inclinou e disse algo aos meninos fazendo sinal para se afastarem um pouco. Ouvi então dizer o motivo da ofensa.

- Foi o que você disse sobre ele... não foram os gritos e o chilique que deu aqui por causa do vestido.

Fiquei pensando no que teria dito. Diante da minha evidente perturbação, já que não sabia do que falava. Eu havia dito um milhão de coisas. Esclareceu minha dúvida:

- Disse que era um "moleque sem pai". Sabe, ele perdeu o pai a pouco mais de um mês. Assassinado. Assistiu ao pai agonizando... é difícil para ele, não imagino nada pior do que isso. Ele tem sete anos. Estava sob custódia do estado, mas fugiu do abrigo de crianças. Eu estava em casa quando me avisaram que ele tinha sido visto no parque.

- Eu, eu sinto muito... Foi tudo que consegui dizer. Meus olhos se voltaram para onde os garotinhos estavam. Perguntei se podia ir até lá.

- Sim. Respondeu.

Aproximei-me do pequeno, os outros me olhavam assustados. Encontrando os olhos negros, no entanto, relaxaram e pareceram ficar calmos. Aqueles olhos diziam a eles que estava tudo bem, eu também os entendia. O pequeno que, anteriormente chorava, olhou para mim. As mãozinhas tocaram meu vestido, molhado. Apontando para o tecido, vi que estava deslumbrado com a fênix que estampava a roupa. Mordi meus lábios, ele estava encantado com o pássaro de fogo estampado no meu vestido.

- Tia Val, é como o pássaro da história que você me contou. Ele é lindo, tia.

- Tem razão, Edu, é lindo... ao dizer isso, o sorriso parecia ainda mais sincero e carinhoso.

Eu fiquei calada, meus olhos estavam cheios de lágrimas. Cada palavra minha, como queria tê-las mastigado e engolido ao invés de cuspi-las naquele... menino. O menino, Eduardo, com sua voz preocupada é que me arrancou da reflexão.

- A senhora me desculpa... eu não queria estragar o pássaro bonito. A senhora gostava dele também, né? Ele dizia isso entristecido.

Estava pronta a chorar, mas senti um toque no meu ombro. Sabia que aqueles olhos negros estariam fixos em mim, confiantes. Era a segunda vez que a mesma mão me tocava, duas vezes me acalmando, me apoiando. Senti algo estranho... uma tranquilidade imensa. Respirei fundo e consegui falar.

- Ah... tudo bem... eu... me desculpe, me desculpe também por gritar, dizer coisas feias e assustar você. Era só um vestido... e nem era meu favorito... mas é que eu fiquei brava, e assustada também, então eu fiz tudo errado... eu estou triste...

Aquela era a primeira vez que me desculpava por algo. Os olhinhos do menino piscavam com rapidez, e eu não sabia o que fazer. Achei que ia chorar, foi então que ele disse:

- Não fica triste! Tia Val, por favor, você pode fazer um pássaro novo para ela? Tia Val, por favor... eu tenho certeza de que vai ser tão bonito quanto esse, porque a tia Val sempre colore o mundo da gente com coisas bonitas. Tia Val pode fazer tudo...

Ao dizer isso olhava de mim para a mulher de pé ao meu lado, seu olhar era animado, não havia nem vestígio da tristeza que eu vi neles mais cedo. Ergui meus olhos para ela, a tia Val, como o menino a chamava. Seus olhos tinham um ar brincalhão, leve e os lábios abriam-se em um largo sorriso e deles ouvi soar uma sonora e doce risada.

- Tia Val não é poderosa assim, Edu! Eu acho uma ideia ótima fazermos um pássaro para a nossa nova amiga, que se chama...

- Marina, respondi.

- É um lindo nome... Eu sou Valentina. A tia Val para as crianças da casa da criança.

- Valentina, é um prazer. Você trabalha na casa da criança?

- Não, eu sou voluntária lá... ensino pintura e desenho aos meninos e meninas que vivem lá.

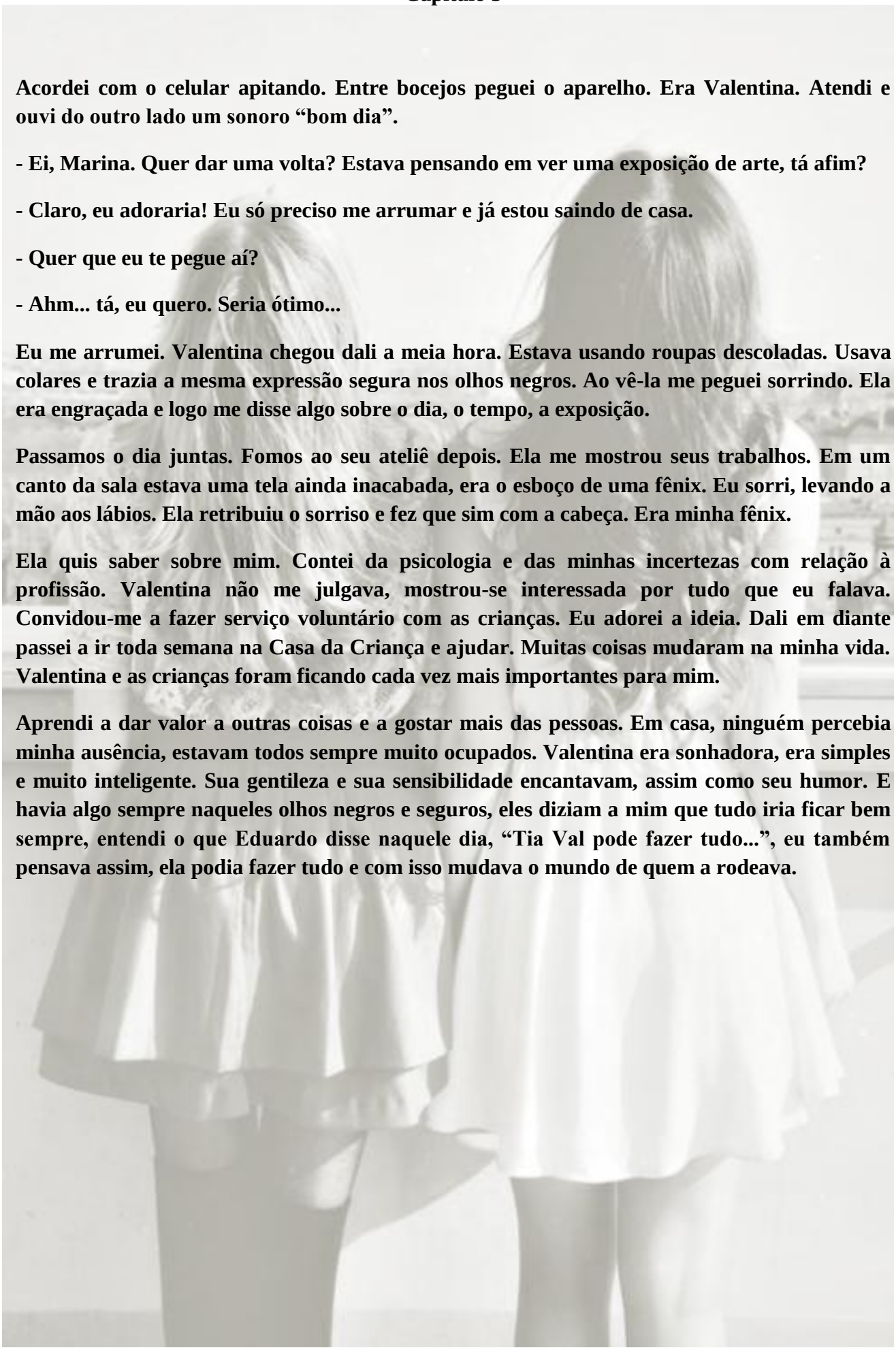
- Nossa, sério? Isso é demais! Ahm, você se importa se trocarmos números? Eu gostaria de visitar lá algum dia...

- Claro, aqui está meu cartão.

Quando olhei de novo para ela e os meninos, pensei que seria realmente bom conhece-los melhor. Nós nos despedimos e ela se foi com os garotos. Fiquei parada olhando eles irem. Valentina tinha olhos negros, sinceros e confiantes. Eduardo agora estava ao lado dela e tomava suas mãos. Ele falava ainda. Foi só então que percebi que tinha perdido grande parte da aula. Além disso, havia o vestido, não, acho que ele já não era tão importante. Teria assistido à aula com ele sujo se tivesse havido oportunidade. Decidi ir pra casa.

Mandei uma mensagem para Valentina. Começamos a conversar e descobri muitas coisas sobre ela. Artista plástica, fazia um projeto de pintura com as crianças. Pintavam seus sonhos e as imagens criadas, depois de serem expostas, iriam ser usadas para decoração da casa da criança

Capítulo 3



Acordei com o celular apitando. Entre bocejos peguei o aparelho. Era Valentina. Atendi e ouvi do outro lado um sonoro "bom dia".

- Ei, Marina. Quer dar uma volta? Estava pensando em ver uma exposição de arte, tá afim?

- Claro, eu adoraria! Eu só preciso me arrumar e já estou saindo de casa.

- Quer que eu te pegue aí?

- Ahm... tá, eu quero. Seria ótimo...

Eu me arrumei. Valentina chegou dali a meia hora. Estava usando roupas descoladas. Usava colares e trazia a mesma expressão segura nos olhos negros. Ao vê-la me peguei sorrindo. Ela era engraçada e logo me disse algo sobre o dia, o tempo, a exposição.

Passamos o dia juntas. Fomos ao seu ateliê depois. Ela me mostrou seus trabalhos. Em um canto da sala estava uma tela ainda inacabada, era o esboço de uma fênix. Eu sorri, levando a mão aos lábios. Ela retribuiu o sorriso e fez que sim com a cabeça. Era minha fênix.

Ela quis saber sobre mim. Contei da psicologia e das minhas incertezas com relação à profissão. Valentina não me julgava, mostrou-se interessada por tudo que eu falava. Convidou-me a fazer serviço voluntário com as crianças. Eu adorei a ideia. Dali em diante passei a ir toda semana na Casa da Criança e ajudar. Muitas coisas mudaram na minha vida. Valentina e as crianças foram ficando cada vez mais importantes para mim.

Aprendi a dar valor a outras coisas e a gostar mais das pessoas. Em casa, ninguém percebia minha ausência, estavam todos sempre muito ocupados. Valentina era sonhadora, era simples e muito inteligente. Sua gentileza e sua sensibilidade encantavam, assim como seu humor. E havia algo sempre naqueles olhos negros e seguros, eles diziam a mim que tudo iria ficar bem sempre, entendi o que Eduardo disse naquele dia, "Tia Val pode fazer tudo...", eu também pensava assim, ela podia fazer tudo e com isso mudava o mundo de quem a rodeava.

Capítulo 4

Minha mãe estava de pé no meio do salão, parecia nervosa ao telefone. Olhou para mim de modo reprovador, apontando o vestido. Olhei para minha própria imagem e subi as escadas. Ela me deu as costas e continuou a conversa. Quando estava no penúltimo degrau eu escutei o nome dele, "Enrico". Eu me voltei. Ele estaria também naquela festa, isso significava que teria que me encontrar com ele, enfrentar seu olhar crítico e aquela irritante postura.

Era demais aquilo. Uma festa na mansão e a presença "ilustre" de Enrico, meu meio irmão. Exatos cinco anos mais velho que eu, ele era genial. Inteligente, bem sucedido, bonito, independente, formado em medicina e um chato. Ele era perfeito, e me odiava.

Demorei a descer, escolhi outro vestido e fiquei na expectativa de adiar nosso encontro. Quando desci, no entanto, era impossível evitar o nervosismo. Ao olhar em volta, os sócios de papai com suas mulheres bem vestidas, pareciam milhares. Desfilavam pelo salão. Todos muito agradáveis e elegantes conversavam de maneira muito séria e ao mesmo tempo animada. Deviam estar discutindo algum "grande" negócio, afinal, era só disso que falavam. O que os fazia felizes era ganhar dinheiro e popularidade.

Tudo, de repente, começou a me incomodar, mesmo eu tendo vivido aquelas mesmas situações várias vezes.

Nesse mundo em que vivo, as "aparências" têm um grande valor, por isso estou aqui, ou melhor, estamos aqui, eu e Enrico, herdeiros do império da família. Papai acha importante a presença de todos sempre, também adora como mamãe sorri para os convidados, enquanto desfila deslumbrante pelo salão que é lindo e especial para ela. Com cortinas longas e de um dourado belo, o ambiente era iluminado por um lustre de brilhante, dando ao salão um ar de palácio de conto de fadas. Embora me sentisse sorrindo também, sentada à mesa com as filhas dos sócios de meu pai, não tinha a menor vontade de conversar. Olhava ao redor e o celular. Alguns dias atrás enviara uma mensagem para Valentina, passando meu número para ela. Desde então mantínhamos contato. Ela quis saber o que eu fazia no momento. Contei da festa. Começamos a conversar. Valentina era agradável como sempre e conversar com ela me fazia ficar menos tensa. Tudo me sufocava ali.



Papai estava longe, conversava com algumas pessoas. Era o tipo de homem poderoso, decidido, individualista, sério, moralista e teimoso. Ele sorriu para mim quando nossos olhos se encontraram. Parecia orgulhoso. Eu tinha a aparência que ele considerava a mais adequada. Enrico estava ao lado dele, acompanhou seus movimentos. Ele estava impecável em seu terno, o rosto sério, parecia difícil de decifrar. Seus olhos diferentes dos meus e de papai, eram de um verde escuro. Os cabelos

castanhos escuros quase sempre caiam sobre os olhos e davam a ele um ar sedutor.

Enrico olhava em nossa direção, enquanto papai falava com ele e com os outros que os acompanhavam. As moças que estavam sentadas à mesa falavam dele, de sua aparência... era lindo, diziam. Foi então que comecei a enumerar as suas qualidades, talentos e a contar para todas que ele era um ótimo médico também. Queria que elas soubessem que ele era muito mais do que um rosto bonito. Quando as vi cada vez mais impressionadas com o que eu contava sobre ele, fiquei orgulhosa, mas então me senti triste, porque a verdade é que tudo que eu sabia de meu irmão não fora ele quem me contara.

Ele se voltou para nosso pai, e então eu vi seu rosto fechar-se de modo severo. Voltou-se para mim, pensei que havia algo em mim que o incomodava. Quase não nos falávamos, ele não queria ser meu amigo ou meu irmão. Nunca aceitava os convites para aniversários, ou qualquer outra data, embora sempre enviasse flores. Ele era frio e me ignorava com frequência. Não me lembro de termos trocado mensagens ou mesmo sorrisos. Agora, vendo-o se mover pela sala, deixando nosso pai e vindo em direção à minha mesa fez com que eu sentisse um buraco se abrindo diante dos meus pés. A música tocava, ele parou diante de mim. Desejei que estivesse ali por alguma daquelas garotas, mas ele disse:

- Marina, dança comigo?

Eu fiquei calada. Todos olhavam para ele. Ele repetiu a pergunta sem deboche ou crítica. E eu apenas me levantei e deixei que meu irmão me levasse até o meio do salão.

Era a primeira vez que dançávamos. Eu estava insegura e quieta, foi ele quem quebrou o silêncio.

- Sabe o que acontece quando não dizemos as coisas que sentimos?

Olhei para ele assustada.

- Nós explodimos, Marina.



Meus olhos estavam presos nos dele. Foi quando ouvi a voz do meu pai ao microfone. Ele anunciava que eu e o filho de um poderoso industrial estávamos noivos. O rapaz sorria, parecia de acordo com o "acordo" oferecido pelo meu pai.

Minhas pernas ficaram bambas, meu corpo gelado, senti que o ar me faltava, era como se alguém me estrangulasse naquele instante. Estava assustada, queria algo para me amparar, mas tive medo de tocar meu irmão. Foi então que as mãos dele tocaram minha cintura, seu braço me envolveu, estava

segura... e eu cedi. Não vi mais nada. Desmaiei.

As vozes e o som das músicas me enjoavam, tudo girava. Quando subíamos as escadas, minha consciência foi sendo retomada. Escutei a voz da minha mãe, estava histérica. Percebi que quem me levava no colo era Enrico. Eu não entendia nada, aos poucos minha mente foi resgatando os últimos acontecimentos, "casamento", essa palavra como uma nuvem negra cobriu meus pensamentos. Não queria, mas meu pai jamais permitiria que eu dissesse "não". Ele tinha tanta certeza da minha obediência que não me perguntou se eu aceitaria, apenas decidiu por si mesmo. Solucei. Meu irmão sentiu que eu estava acordada, acho que percebeu minha dor, pois me trouxe para mais perto de si e eu me aconcheguei nos seus braços, era a primeira demonstração da sua consideração. Nunca havia sorrido para mim, mas me segurava com gentileza. Tudo o que desejava era sumir.

Suas palavras, suas ações, tudo estava mais claro. Foi naquele momento, quando ele e papai olhavam para mim. Papai devia estar fazendo o "acordo" naquele instante, mostrando para o jovem quem eu era. Fui tratada como mercadoria, moeda de troca, um "bem" do império de papai. O rosto de Enrico, sua expressão gélida e severa, era a indicação de que não concordara com aquilo, por isso foi até mim, e me tirou para dançar. Não queria que eu ficasse sozinha... Ele sabia que eu estava odiando a festa, que eu me sentia "caindo" no vazio, seus olhos viam em mim muito mais do que eu imaginei que pudessem. Fui tirada da minha reflexão pela voz fria dele cortando minha mãe.

- Cale-se, agora! Disse Enrico seriamente zangado.

- Como se atreve! Ela é minha filha, e veja a vergonha que me fez passar desmaiando na frente de todos... o que vão dizer da festa! O que dirão de nós!? Já pensou nisso...

- Parece que quem não tem noção de quem ela é, é a senhora! Já pensou no fato de que ela recebeu a notícia do próprio casamento sem nem ao menos ser consultada?

A voz de Enrico era fria e firme, tão poderosa quanto a de meu pai. Havia um tom autoritário nela, que fez com que minha mãe ficasse quieta. Enrico, filho de um primeiro relacionamento de papai, se parecia em alguns aspectos com meu pai. Algo nele era poderoso o suficiente para inspirar respeito. Mamãe reconhecia isso, por isso ela o respeitava.

Quando abriram a porta do meu quarto, acenderam a luz e ele me colocou na cama, eu me abracei ao travesseiro. Não pude conter as lágrimas. Mamãe estava de pé e me olhava irritada, achava minha atitude exagerada. Ela dizia que Heitor, o pretendente, ou melhor, meu noivo, era belo e rico. Ela se perguntava qual era o meu problema. Ele era tudo que uma mulher gostaria de ter. Minha mãe não amava papai, com certeza, mas eles tinham um bom casamento, fora um bom negócio para ambos. Embora ficasse muito tempo só, ela estava satisfeita ao pensar que todos a julgavam feliz. Para papai ela era perfeita, porque era como ele. Enrico foi quem calou mais uma vez mamãe, ao perceber que à medida que ela falava meus soluços aumentavam. Ela saiu então, deixou-me só com ele. Voltou para os convidados com a explicação de que fora uma queda de pressão.

O silêncio no quarto era imenso. De repente, uma mão tocou meus cabelos. A mão dele. Voltei o rosto assustada, quem era ele, não podia ser Enrico, o mesmo que me olhava com desprezo

desde sempre. Não tinha nele raiva, pena ou deboche, ele apenas me dizia sem nem uma palavra se quer que estava ali e que eu não estava sozinha. Ele me deu um copo de água e disse que eu precisava de repouso. Antes de sair, ele me olhou nos olhos, e repetiu o que já tinha dito no salão. Ele tinha razão, eu iria explodir se não dissesse o que sentia.

Valentina me ligou e eu contei a ela tudo que aconteceu. Ela me ouviu, não julgou meu pai, disse que eu não estava só e que poderia contar com ela. Estava séria e diferente de antes, não parecia confortável com a notícia. Sua voz, embora tentasse disfarçar, estava pesada e triste. Isso fez meu coração se apertar. Eu amava... e não era um amor de amigos, eu queria ficar para sempre com ela, rir com ela, passar os dias com ela... e ela... eu não sabia ao certo. Foi quando ela disse, antes de desligar, "não se case". Eu respondi que a amava também. E rimos.

Capítulo 5

O dia amanheceu. Quase não dormi à noite. Tomei um banho e desci, sabia que encontraria meu pai e minha mãe acordados. Papai não faltaria ao trabalho nem se a festa tivesse durado a noite toda. Ele estava tomando café e lendo o jornal. Mamãe estava sentada do lado oposto com uma xícara nas mãos. Eu engoli em seco e me aproximei. Estava insegura. Antes que pudesse dizer algo, ouvi um "bom dia" às minhas costas. Estremeci, era meu irmão. Ele dormira lá aquela noite. Voltei-me para ele. Todos o olhavam também. Meu pai respondeu ao seu cumprimento, acompanhado de minha mãe. E eu disse:

- Bom dia, Enrico. Eu... ahm, não sabia que você tinha dormido aqui. Sobre ontem, obrigada...



Ele não disse nada, como sempre. Não era de muitas palavras, mas seus olhos tais quais os de Valentina diziam muito. Começava meu dia com ela nos pensamentos e tudo fazia com que me lembrasse dela. Enrico mirou-me e seguiu até à mesa. Ao passar por mim, tocou minha cabeça, acariciando meu cabelo. Eu senti uma alegria imensa e mais coragem. Ele estava ali por mim. Serviu-se de café e voltou em direção ao sofá, disse então que eu queria que todos ouvissem o que eu tinha a dizer. Dizendo isso, ele me olhou de modo encorajador. Eu sorri interiormente. Meu pai e minha mãe pararam o que faziam e me olharam com desinteresse, mas seguindo a indicação do meu irmão, que ao contrário dos outros, trazia seus olhos verdes bem abertos e atentos às minhas palavras. Eu disse então.

- Não vou me casar com Heitor...

O rosto do meu pai era uma máscara de fúria. Ele se ergueu. Era alto e intimidador. Quando fez isso, eu me afastei. Achei que ia me devorar viva. Enrico, instintivamente, se levantou. O porte atlético do meu irmão se comparava ao do meu pai, era alto e forte. Sua postura, que eu considerara sempre irritante, agora me parecia acolhedora. Meu pai compreendeu sua atitude, minha mãe estava chocada, mas mantinha-se calada. Seus olhos fixos em mim, também pareciam me queimar.

- Estúpida!!! Quem disse que pode decidir o que quiser. Você vive debaixo do meu teto, eu te sustento, você me pertence. Não seja uma inútil! Faça sua parte! Você e suas vontades! Vai se casar sim, porque eu estou mandando!

Aquela palavra, "estúpida", sempre me perseguiu. Quando criança, sempre que eu errava algo, meu pai me chamava assim. Quando Valentina me chamou assim, indicando que eu fora grosseira, eu chorei, não porque me sentisse ofendida pelas suas palavras, mas porque me lembrei de meu pai. Ele nunca me elogiava, mas suas críticas eram implacáveis. Ele me chamava de "estúpida", quando não atendia a suas expectativas, ele me considerava burra, quando não era a melhor. Meus olhos estavam cheios de lágrima, minha voz estrangulada. Eu disse então, aos gritos, algo que o faria me crucificar. Eu os vi me ouvindo boquiabertos.

- Eu não vou me casar!!! Não vou! Eu não sou mais uma "estúpida"! Eu fui "estúpida" ao fazer sempre o que vocês queriam. Agora, não! Eu estou, estou apaixonada... apaixonada! Eu amo alguém muito especial! Eu não vou deixa-la por uma pessoa por quem eu não tenho afeto nenhum. E mamãe, se acha ele tão bom, adote-o como filho!

- Sua insolente! Como se atreve a afrontar seu pai... Amor... que palhaçada é essa? Quem é esse imbecil, marginal, esse idiota... deve ser algum interesseiro... acha que ele gosta de você? Deve estar de olho na sua fortuna! Aliás na MINHA fortuna.

- Valentina não é interesseira, nem uma marginal! Ela é inteligente, humana, gentil... doa seu tempo para as pessoas, cuida delas... ela não quer meu dinheiro, aliás, o seu dinheiro, como o senhor disse. – Sentia meu rosto queimar. Como ele podia dizer aquilo dela, da pessoa que eu amo.

A xícara que estava nas mãos da minha mãe caiu e espatifou-se no chão. Meu pai me olhava aterrorizado, como se eu tivesse alguma doença. Meu irmão estava surpreso, mas não esboçou nenhuma reação. Só então percebi o que eu dissera... eles não poderiam imaginar que eu me apaixonara por uma outra garota. Eu também não imaginei que pudesse amar outra garota, eu sempre sai com rapazes e nunca sentira nenhuma atração por mulheres.

Não era o fato de ela ser mulher, era o fato de ela ser única. Eu me apaixonei pela existência de Valentina, seu sorriso, sua voz e, principalmente, pela estranha força daqueles olhos negros. Amei Valentina no instante em que ela me olhou. Foi como se conseguisse enxergar minha alma e foi como se eu pudesse me enxergar nela. Para Valentina, eu era uma pessoa, eu era Marina, e só. Eu não era a "estudante de psicologia", a "filhinha de papai", a "riquinha"... Valentina me fez sentir que a vida é algo maior, que as pessoas são especiais e que precisam umas das outras. Ela gostava das pessoas, e seu amor pelos outros me fez amá-la mais. Meu amor por ela, e o aprendizado de amar a mim mesma me deu forças para dizer "não" ao meu pai, pela primeira vez.

Meu pai ficou furioso, veio desvairado para cima de mim, iria me bater. Eu ouvia dos seus lábios as palavras mais terríveis, seu ódio, não podia aceitar que eu gostasse de outra mulher. Desobedecê-lo o irritava, mas nada se comparava ao fato de ter uma filha que gostava de outra mulher. Eu escutei a palavra "vergonha" e vários xingamentos. Minha mãe estava histérica e a vi chorar compulsivamente. O braço de meu pai já descia sobre mim, ele me esmagaria com sua força, com seu ódio, seu desprezo. Foi quando senti um braço me puxar e um corpo se colocar diante de mim, contendo com o seu a fúria daquele homem, que já não era o centrado, discreto e sério presidente de uma empresa, preocupado com as aparências. Era um monstro! Eu estava assustada. Os olhos do meu irmão estavam firmes e sua força se mostrou superior a de nosso pai. Ele o empurrou para longe de mim e o obrigou a se sentar na poltrona. Meu pai chorou e disse friamente que eu não era mais sua filha e que agora era uma sem teto também. Mandou que eu saísse de sua casa.

Minha mãe soluçava, olhei para ela, queria sua intervenção. Ela pediu "por favor" ao meu pai. Disse que seria pior, que as pessoas saberiam... Preferi que não tivesse dito nada. Foi quando Enrico falou.

- Você não precisa ficar aqui. Minha casa é sua também. Pegue suas coisas, você vai morar comigo a partir de hoje e até quando desejar. A sua vida te pertence... a única coisa que me incomodava em você até agora e que já não existe mais, era essa sua postura passiva e idiota. Vivendo de aparências e permitindo que as decisões da sua vida fossem tomadas pelo nosso pai. Você cresceu hoje, mais do que em sua vida toda. Embora não pareça, eu gosto de você, do meu jeito, devo dizer. Não vejo nada de errado em amar alguém... dizendo isso, olhou para meu pai que estava calado e surpreso com suas palavras.

Enrico nunca falara daquele modo para nenhum deles. Terminou sua fala dirigindo-se ao meu pai, disse que a vida dele era uma mentira e que ele era um moralista e que o estúpido sempre fora ele.

Ele me pegou pelas mãos e me ergueu. Sai dali levada por ele. Mais tarde voltou para pegar minhas coisas enquanto eu me habituava a minha nova casa. Tinha um quarto no apartamento dele que estava vago. Tudo era de bom gosto, mas sem ostentação. Havia um mural com recados e fotos. Estavam nele a mãe de Enrico, os avós, alguns amigos e amigas dele e para minha surpresa, ali estava eu, também. A vista do apartamento dava para o mar, fiquei ali sentada olhando para aquela imensidão azul e pensando na vida. Ele voltou, sorriu quando eu me virei para olhá-lo. Pela primeira vez na vida eu o vi sorrir. "Bem vinda ao seu novo lar", ele sussurrou. Colocou minhas coisas no chão, e eu me levantei correndo a abraça-lo, era meu irmão, aquele estranho. E eu o conheceria a partir de agora.

****

Entrei no ateliê de Valentina, ela estava de pé diante de uma pintura coberta por um tecido. Sorri. Estava bonita com sua expressão pensativa. Ela me olhou com seus olhos negros e sorriu. Eu caminhei até ela. Estava diante da tela. Ela me fez sinal para pegar um pedaço do pano. Pegou o outro lado, contou até três e puxamos o pano. Fiquei sem ar. Era o belíssimo pássaro de fogo ressurgindo das cinzas, a fênix. Mil vezes mais linda do que aquela do meu vestido. Eu ria e chorava, ela me olhou com carinho e nossas mãos se uniram instintivamente. Ficamos ali de mãos dadas olhando o quadro que ela fizera para mim. Eu me sentia como aquela fênix, renascida para um vida diferente.